

Apresentação

Discurso, Gênero e Resistência: processos de subjetivação contemporâneos

A organização do dossiê “Discurso, Gênero, Resistência” materializa as relações de trabalho e afeto longamente sustentadas entre suas organizadoras e organizador, a partir das discussões desenvolvidas nos grupos de pesquisa *Mulheres em Discurso* (MulherDis/CNPq-PoEHMaS/Unicamp) e *Grupo de Estudo em Análise do Discurso* (GrAD/CNPq-UFAL)¹. O dossiê acolhe também as reflexões de colegas de diversas universidades do país e do exterior que dialogam com as inquietações desses grupos de pesquisa e que contribuem com seus trabalhos para o debate e compreensão da problemática de gênero e sexualidade no interior dos estudos discursivos. A importante produção na área sobre essa temática permitiu avançar nos últimos anos para a descrição dos processos discursivos e de subjetivação que estão em jogo. Assim, já é consenso afirmar hoje que as identificações de gênero e sexualidade são constitutivas do processo de interpelação do indivíduo em sujeito do discurso, interpelação que se dá de forma complexa e contraditória a partir de filiações a posições subjetivas dispersas no interdiscurso em determinadas condições de produção. Por sua vez, as identificações de gênero se articulam constitutivamente com outras identificações nos processos de subjetivação, como: sexualidade, raça, etnia, classe, trabalho, família, territorialidades, entre outras².

Com o aporte teórico da Análise do Discurso, desenvolvido inicialmente por Michel Pêcheux, pretende-se avançar neste dossiê na compreensão dos modos de inscrição das identificações de gênero e sexualidade no processo de constituição discursiva do sujeito.

Os trabalhos reunidos nesta publicação representam de forma cabal tanto a complexidade quanto a riqueza de abordar a problemática de gênero e sexualidade no campo da Análise de discurso, dado que nela se evidencia a contradição constitutiva dos processos de produção de sentido e do sujeito, que tanto reforçam o imaginário social quanto irrompem como acontecimento, abrindo brechas sociais e discursivas para o deslocamento de sentidos e a emergência de novas modalidades de subjetivação. Ao tomar o discurso como objeto de análise, nas suas múltiplas materialidades significantes (língua, imagem, som, voz, gesto, e todo tipo de práticas simbólicas) e ao focar a descrição na circulação de processos discursivos que emergem de posições e práticas de resistência aos discursos de consenso, os artigos aqui reunidos dão relevo ao papel constitutivo da linguagem tanto na dominação quanto na transformação social e nas práticas de resistência.

Assumindo que as posições-sujeito se constituem em um movimento contínuo de processos de identificação na história e na relação com os modos de individuação em relação à formação social e ao Estado³, entendemos que as identificações de gênero inscrevem seus efeitos nos dois movimentos descritos por Orlandi (1999): o de interpelação do indivíduo em sujeito pela Ideologia e o estabelecimento (e a transformação)

¹ Para mais informações, confira: GrAD <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0937719247803637> e MulherDis <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/38437>.

² Cf. Zoppi Fontana e Ferrari (2017).

³ Cf. Orlandi (1999); a autora afirma que: “Uma vez interpelado pela ideologia em sujeito, em um processo simbólico, o indivíduo, agora enquanto sujeito, determina-se pelo modo como, na história, terá sua forma individual(izada) concreta” (Orlandi, 1999: 24-25).

do estatuto do sujeito corresponde ao estabelecimento (e à transformação) das formas de individualização do sujeito em relação ao Estado⁴.

No primeiro movimento, pelo fato de que, como diz Baldini (2017), “temos um corpo e esse corpo é atravessado pela linguagem”, não é indiferente à constituição do sentido “o modo como cada sujeito, a partir do atravessamento de seu corpo pela linguagem, irá se colocar frente ao desejo, ao sexual”. Pela sua inscrição no simbólico, o indivíduo se constitui ao um só tempo em *sujeito ideológico sexuado*, a partir do funcionamento da ideologia e das fórmulas da sexuação, enquanto estruturas-funcionamentos que se organizam em torno do não-UM, da falta.

No segundo movimento, em relação aos processos de individuação pelo Estado e pelas relações de poder e dominação que configuram uma formação social, as identificações de gênero trabalham os processos imaginários de reconhecimento/desconhecimento que constituem os sujeitos nas suas relações sociais. É nessa relação com a alteridade que se instauram as lutas por reconhecimento de formas outras de existência histórica, produzidas por processos de subjetivação nos quais as identificações de gênero e sexualidade participam tanto para a reprodução de normas quanto para sua ruptura e deslocamento. No jogo especular das formações imaginárias, das projeções antecipadas que demandam diversos modos de estar no mundo, ser reconhecido e se reconhecer em relação ao funcionamento social e histórico das masculinidades e das feminilidades, em toda sua dimensão contraditória e equívoca, faz parte do processo de constituição do sujeito do discurso.

Este amplo campo de questões em torno das identificações de gênero e sexualidade, que estão presentes nas demandas dos principais movimentos sociais de resistência atuais, fornece um espaço privilegiado de observação para os estudiosos da linguagem, dado que está inteiramente atravessado por processos discursivos que deslocam sentidos já estabilizados historicamente.

Os trabalhos aqui apresentados se inscrevem na teoria de Análise de Discurso, a partir da qual se considera a determinação histórica e ideológica dos processos de produção de sentido. As noções de memória discursiva e acontecimento discursivo permitem trabalhar essa determinação como constitutiva do funcionamento da linguagem. Sujeito e sentido se constituem simultaneamente, como efeitos, pela relação com a memória discursiva e as condições de produção do discurso. Importa esclarecer, como o faz Courtine (1994), que “a memória que nos interessa é a memória social, coletiva, na sua relação com a linguagem e a história”⁵ e que “a linguagem é o tecido da memória, isto é sua modalidade de existência histórica essencial”⁶. Entendemos a memória discursiva como espaço ideológico estruturante/estruturado em que se realiza a interpretação, enquanto efeito necessário da relação simbólica estabelecida entre o sujeito e o real da língua e da história.⁷ Sendo fruto da relação da língua com a história, a memória discursiva é constitutivamente afetada pelas falhas que atravessam a língua e as contradições que estruturam a história, o que se materializa no seu caráter necessariamente lacunar e equívoco. Memória, portanto, estruturada pelo esquecimento, que funciona por uma

⁴ Retomamos parcialmente a seguir a reflexão desenvolvida em Zoppi Fontana e Ferrari (2017).

⁵ Courtine (1994:5), tradução nossa.

⁶ Ibid., p. 10, grifos do autor, tradução nossa.

⁷ Orlandi (1996) afirma que “A interpretação é uma injunção. Face a qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de “dar” sentido” (ibid., p.64). A autora avança ainda nessa direção identificando o sujeito do discurso à interpretação: “A interpretação *faz* sujeito” (ibid., p.83).

modalidade de repetição vertical, que é ao mesmo tempo ausente e presente na série de formulações: ausente porque ela funciona sob o modo do desconhecimento, de um não-sabido, não-reconhecido, que se desloca, e presente em seu efeito de retorno, de já-dito, de efeito de pré-construído, de recorrência das formulações, produzindo a estabilidade dos objetos do discurso. O que nos leva a considerar a materialidade discursiva, considerando que:

[...] as formas discursivas nas quais aparecem os ‘objetos’ [...] são sempre conjunturalmente determinadas como objetos ideológicos; nem universais históricos, nem puros efeitos ideológicos de classe, esses objetos teriam a propriedade de ser ao mesmo tempo idênticos a eles mesmos e diferentes deles mesmos, isto é, de existir como uma unidade dividida, suscetível de se inscrever em um ou outro efeito conjuntural, politicamente sobredeterminado (PÊCHEUX, 2011[1984]:157).

Se é a posição-sujeito que determina o sentido dos enunciados a partir do funcionamento da memória discursiva, é na enunciação de um sujeito em determinadas condições de produção que esse dizer poderá ser reconhecido como legítimo relativamente a um determinado lugar enunciativo. É a partir dessa compreensão que os artigos deste dossiê abordam os diversos modos de existência histórica e de circulação discursiva de objetos equívocos, enlaçados a processos de subjetivação que envolvem constitutivamente identificações de gênero, sexualidade, classe e raça.

As práticas de resistência às diversas formas de opressão estão no foco das análises desenvolvidas, muitas das quais se debruçam sobre discursividades na quais vozes/corpos historicamente silenciados ou interditados entram em cena. Examina-se, também, a emergência de discursos nos quais os sujeitos se constituem como efeito de processos de subjetivação ancorados em uma representação do dizer (enquanto um dispositivo de enunciação e um modo de dizer) que envolve, ao mesmo tempo, um saber de si e um *modo de falar sobre si*. Esses modos de dizer, próprios da militância social e política, mobilizam as formas discursivas de um *eu* ou um *nós*, de cuja representação imaginária (seja na figura do porta-voz ou do *eu* autobiográfico) a enunciação retira sua legitimidade e força performativa. É a partir desses *lugares de enunciação*⁸, considerados como uma dimensão das posições-sujeito e, portanto, do processo de constituição do sujeito do discurso, que se instauram as demandas políticas por reconhecimento e as práticas discursivas de resistência. Trata-se, assim, de descrever o funcionamento discursivo das lutas pelo reconhecimento e das práticas de resistência às diversas formas de dominação no interior do processo de interpelação ideológica. Nesse processo, *o corpo*, na sua dimensão simbólica e imaginária, resiste como o real que impede a euforia de uma enunciação de si supostamente autossuficiente e fundadora de uma identificação sem falha. Como bem nos lembra Pêcheux, não há ritual sem falha nem ideologia dominante que não seja afetada pelas ideologias dominadas que a atravessam. Conforme já defendemos em outro trabalho (Zoppi Fontana, 2009), se o real da língua se funda em um impossível, o real da história se funda no possível, isto é, não há necessidade nem impossibilidade que estruture *a priori* os processos históricos. A articulação destas duas ordens materiais irreduzíveis no seu funcionamento, sobredetermina conjuntamente os processos de produção de sentido e do sujeito, tomados no fundo duplo de identificações falhas e de indeterminação histórica. Neste sentido, consideramos, junto com De Ípola (2007: 204, tradução nossa), que “é a descoberta de novos possíveis ‘em ato’ que faz torsão para a condição da política”, ou dito de outro modo, reconhecer o contingente no acontecimento de discurso, suas diversas

⁸ Cf. Zoppi Fontana (2002; 2018)

possibilidades de vir-a-ser-outro, abre um espaço produtivo para as práticas de resistência. É justamente nesses possíveis contingentes que constituem o próprio do real sócio-histórico (hoje e sempre) que “está a matéria real da tomada de posição, a chance de um militante” (*ibidem*, tradução nossa), enfim, a prática política⁹. Diversos trabalhos deste dossiê analisam acontecimentos discursivos que dão lugar a uma ruptura nos processos de reprodução/repetição e à emergência de uma prática transformadora.

A chamada para publicação no dossiê teve uma resposta imediata e numerosa por parte de colegas das mais diversas regiões do Brasil e também do exterior, que deu lugar à coletânea de vinte e nove trabalhos que compõem este dossiê e que relacionamos sumariamente a seguir. Destaca-se a diversidade de temas abordados, assim como sua relevância social e sua pertinência teórica, que trazem novas inflexões para os estudos discursivos, sempre sustentadas em análises de práticas discursivas concretas e atuais.

Bárbara Pavei Souza apresenta o artigo *"No Pictures": Os retratos da mulher negra na revista Vogue Brasil*, no qual analisa a imagem da mulher negra na capa da revista Vogue em 2008, procurando observar quais sentidos a atravessam e como estes são construídos discursivamente.

Samuel Barbosa Silva em *Desigualdades de classe, gênero e raça no discurso da trabalhadora doméstica diarista e da patroa de classe média: efeitos da crise do capital e a precarização do trabalho doméstico remunerado* descreve os sentidos de informalidade no contexto do trabalho doméstico remunerado e os analisa na tensão entre as posições da trabalhadora doméstica e da patroa, tomando por corpus uma entrevista publicada em 2015, logo após a sanção da lei que regulamenta o trabalho doméstico assalariado.

Silvana Maria de Barros Santos, no artigo *O discurso sobre as contradições do corpo e do feminino através dos tempos: suas rupturas e permanências* pesquisa o discurso sobre o corpo feminino perfeito, tal como aparece na mídia, e analisa os efeitos físicos e afetivos desse discurso sobre as mulheres jovens que sofrem transtornos alimentares.

Beatriz Pagliarini Bagagli apresenta o artigo *Abordando estereótipos de gênero e cisgeneridade: entre a subversão e resistência nos discursos transfeministas e feministas radicais trans-excludentes*, no qual aborda o funcionamento dos estereótipos de gênero no embate entre discursos transfeministas e o discurso de feministas radicais trans-excludentes, indagando sobre as possibilidades de resistência dos sujeitos trans face à discursividade hegemônica da cisgeneridade.

Wilton James Bernardo-Santos e Fabio Elias Elias Verdiani Tfouni, autores do artigo *Sexo, tecnologia e o novo homem - acontecimento midiático discursivo*, tomando por base uma capa da revista *Veja* de 2013, desenvolvem uma reflexão sobre novas práticas sexuais significadas no atravessamento do discurso da sexualidade e o da tecnologia.

Jonathan Ribeiro Farias de Moura em *Verbetização em âmbito escolar: Gênero, Língua e Sexualidade* se coloca a pergunta: “como é que gênero e sexualidade se materializam na língua?” e a partir dela observa o tratamento dessas questões na escola, especificamente no ensino de língua portuguesa.

Gabriela Costa Moura, Maria Virgínia Borges Amaral e Sóstenes Ericson Vicente da

⁹ Cf. Zoppi Fontana (2009).

Silva, analisam, no artigo *Apesar de você*: memória, sentido e resistência observam o engajamento político do cantor e autor Chico Buarque, sob a luz da análise de discurso francesa, centrando seu olhar no pronome “você” e suas possibilidades e desdobramentos de sentido.

Julia Luiza Bento Pereira, no artigo *TRANSLADO: o lado trans e travesti da prostituição*, analisa o livro *Translado: narrativas trans da Av. Pedro II*, produzido por mulheres trans e travestis em 2018. A autora procura observar o papel da linguagem nos processos sociais de dominação e transformação.

Solange Mittmann e Marilane Mendes Cascaes da Rosa, no seu artigo *A resistência feminina pelo bordado*, desenvolvem uma reflexão inovadora sobre o bordado feminino como prática de resistência; no texto as autoras analisam o “Tapete Infinito pela Anulação da Condenação e pela Liberdade de Lula” e concluem sobre o seu estatuto de manifesto político, ao trazer a público a prática privada do bordado.

Diego Lacerda Costa, em *Dos guetos e das bichas: o lugar do sujeito e da história no discurso sobre a homossexualidade* analisa materialidades discursivas retiradas do jornal *Lampião da Esquina* (1978) e do documentário *Bichas* (2016), procurando observar as condições de produção do discurso sobre a homossexualidade.

José Antônio Vieira e Carmosina Araújo das Neves assinam o artigo *Do discurso de outrem à memória interdiscursiva: análise da música Não Tá Mais De Graça*, no qual analisam a canção *Não Tá Mais de Graça*, interpretada por Elza Soares com a participação e composição de Rafael Mike, descrevendo a organização dos elementos do (inter)discurso e a construção de uma memória discursiva.

André Cavalcante, em *“Tomai, comei, isto é meu corpo”*: silenciamentos em torno da peça *Jesus, a rainha do céu* toma como objeto de análise a peça “Jesus, a rainha do céu”, protagonizada no Brasil por uma atriz trans e na qual Jesus é representado como uma pessoa transgênero. O artigo explora as diversas formas de silenciamento em funcionamento na peça.

Schneider Pereira Caixeta, no seu artigo *A negação como forma de resistência em slogans feministas* apresenta uma análise de enunciados utilizados como slogans pelo movimento feminista, retirados de redes sociais e páginas de internet. A autora se concentra sobre o funcionamento da negação, considerando-a como uma prática de resistência aos discursos hegemônicos.

Evandra Grigoletto em *Sou mulher de verdade, empoderada, feminina: a identificação de gênero entre os engodos ideológico e tecnológico* analisa materialidades significantes retiradas de duas páginas do Facebook, intituladas *Mulheres COM Bolsonaro#17* e *Mulheres com Bolsonaro* e explicita os processos de identificação que sustentam o funcionamento desses discursos.

Raquel Noronha no artigo *A construção do papel do Estado no discurso neoliberal atravessado por identificações de gênero* analisa discursos para descrever o modo como se textualizam as políticas de inclusão de mulheres em posições de chefia. A autora procura pensar como as identificações de gênero afetam valores como a liberdade frente ao intervencionismo do Estado

Carolina Fernandes e Maria Carolina Silva de Oliveira apresentam o artigo O

imaginário sobre a mulher “para casar”: uma análise da revista *Jovens Moças* e a resistência do discurso feminista na internet. As autoras têm o objetivo de analisar o discurso sobre o casamento na revista “Jovens Moças” em contraponto ao discurso feminista veiculado em postagens na internet. Procuram, desse modo, a partir da noção de polissemia, mostrar como os sentidos produzidos sobre o casamento o significam como uma instituição representante e propagadora do discurso patriarcal e machista construído pela ideologia dominante.

Gedeon Eloeno Rodrigues Messa e Luciana Iost Vinhas assinam o artigo *Ser portador de HIV/AIDS é ser homossexual masculino? O pré-construído nos processos de significação*, no qual analisam o funcionamento de efeitos de pré-construído relacionados ao sujeito portador do vírus HIV. Os autores denunciam como por efeito de pré-construído esses sujeitos são interpretados como homossexuais e promíscuos.

Lais Virginia Alves Medeiros, no seu trabalho “*Uma minoria ainda mais vulnerável*”: uma análise discursiva sobre entregadoras de aplicativo, descreve como as relações de gênero são significadas nas relações de trabalho. Seu *corpus* é composto pelos títulos e lides de três reportagens divulgadas em julho de 2020. A autora observa as designações e descrições mobilizadas nesses textos.

Dantielli Assumpção Garcia e Ana Paula Reckziegel Venson em *Entre o jurídico e o midiático, o estupro culposos: mulher e violência* analisam como o caso de estupro de Mariana Ferrer foi formulado em postagens que circularam em perfis da rede social Instagram, marcado pela retomada da expressão “estupro culposos”. As autoras observam como uma violência patriarcal de gênero funciona no discurso jurídico de modo a culpabilizar a mulher pelo crime sofrido.

Belmira Magalhães e Lídia Ramires, no artigo *Mulher, telejornalismo e estereótipos: discurso, classe social, gênero e raça*, discutem os estereótipos que acompanham a participação das mulheres como âncoras do jornalismo televisivo. As autoras mobilizam os conceitos de luta de classes, ideologia, e silenciamento para desenvolver a análise.

Luciana Garcia, no artigo *Notas sobre o fascismo: o gênero neutro como ameaça ao imaginário da soberania linguística*, analisa alguns apartados do Projeto de Lei nº 5198/2020, de autoria do Deputado Federal Junio Amaral, do Partido Social Liberal, o PSL. A autora observa que o discurso que se constrói no documento legislativo é produzido sob a forma de práticas discursivas cínicas que, por sua vez, se inscrevem em um espaço de verdade totalitária e soberana.

Edivaldo Gomes Barbosa e Maráisa Lopes, autores do artigo *A morte de corpos trans discursivizada em notícias publicadas no portal G1.com*, analisam vinte notícias sobre crimes transfóbicos publicadas no site *G1.com* entre janeiro de 2017 e dezembro de 2018. Os autores compreendem que há relações de memória na cerimonialização das agressões que precedem à morte do corpo trans, pois a morte das travestis se dá aos moldes do suplício, tal como discutido por Foucault.

Giovana Benedetto Flores, Nádia Maffi Neckel e Carolina Leoni Fagundes, no artigo *A resistência é feminina: uma análise discursiva sobre os momentos sombrios e atuais da América Latina*, se propõem analisar discursivamente fotos que circularam na imprensa: durante a Grande Marcha do Chile, fotografada por Oscar Seguel e Paz Pachy, especificamente a da bailarina em frente aos tanques do exército, e as imagens do boneco pixuleco, da candidata Cristina Kirchner, nas manifestações durante a campanha presidencial.

Ioannis Koliopanos, no seu trabalho *O discurso da sexperícia entre autoras e trabalhadoras do sexo*, tem o objetivo de compreender os livros autobiográficos de três autoras que relatam suas experiências como profissionais do sexo. O autor parte da hipótese de que as autoras mobilizam seu conhecimento sexual na busca de reconhecimento social como capital profissional, se constituindo como material relevante para o estudo da sociologia de gênero.

Débora Massmann, José Weverton F. S. da Silva, Jaciele Nunes Batista e Jéssica de Jesus Santos, no artigo *Artivismo de gênero: discursos de/sobre a mulher no “feminejo”*, analisam as letras de duas músicas que compõem o movimento artivista chamado *feminejo* mobilizando as noções de condições de produção e memória discursiva. A análise mostra que estas letras colocam em funcionamento um discurso de/sobre a violência contra a mulher que (re)produz a memória discursiva do machismo, da misoginia e da dominação.

Fábio Jesus Esteves em *As cores que descolorem: conservadorismo e efeitos de sentido* analisa os efeitos de sentido decorrentes da prática discursiva da Ministra de Estado do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Regina Alves, a respeito das cores que determinado gênero “deve” usar. O autor mobiliza as noções de memória discursiva e condições de produção do discurso e as coloca em diálogo com a Teoria Queer, de Judith Butler.

Cibely Eugênia da Silva, Helson Flávio da Silva Sobrinho e Juliana Tereza de S. L. Araújo, no artigo *O discurso sobre a crise econômica em face das mulheres negras*, analisam matérias da imprensa que tratam da questão do trabalho doméstico, reprodutivo e/ou de cuidado como o lócus mais frágil dos postos de trabalho, ao tratar da crise econômica na pandemia de covid-19. Os autores apresentam uma reflexão sobre os efeitos da crise econômica sobre o trabalho exercido por mulheres negras e como ele é apresentado nas matérias nas que se silenciam as raízes históricas dessas condições de trabalho.

Mara Ruth Glozman, autora do artigo *Reproducción y resistencia. Los discursos sobre el lenguaje en la (trans)formación de subjetividades generizadas*, descreve o funcionamento dos discursos sobre a linguagem nos processos de constituição de subjetividades gendradas. O arquivo analisado inclui um conjunto heterogêneo de materiais produzidos na Argentina.

Lidia Noronha Pereira, no artigo *Memória de Arquivo: uma leitura de documentos médico-judiciais sobre a retificação da certidão de nascimento para pessoas trans*, procura analisar o processo de retificação de nome e de sexo no registro de nascimento a que os sujeitos transexuais eram submetidos antes do Provimento nº 73 do Conselho Nacional de Justiça, de 2018. Para tanto, foram selecionados como recorte de análise a categoria F-64 da Classificação Internacional de Doenças (CID 10) de 1993 e fragmentos de petições e sentenças judiciais que versaram sobre a retificação de nome e de sexo no registro civil.

O presente volume da revista *LEITURA* acolhe ainda oito artigos na sua seção VARIA, os quais estão inscritos também no campo dos estudos discursivos e enunciativos e desenvolvem análises originais sobre temas diversos.

Alan Tocantins Fernandes, no artigo *O discurso das charges em tempos de diáspora*, analisa quatro charges publicadas em mídias eletrônicas do Brasil, da Europa e dos Estados Unidos que tratam dos recentes fluxos migratórios.

Ronney Marcos Santo, em *A cobertura jornalística dos ataques de 11 de setembro de 2001*

pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo*: uma análise discursiva explora as notícias publicadas no dia 12 de setembro de 2001 em primeira página pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* sobre o ataque as torres gêmeas em Nova York, EUA.

Karine Silveira e Alice Lorenção, no artigo *Reflexões sobre o trabalho com descritores de Língua Portuguesa por meio da leitura de tiras cômicas: em foco as técnicas de construção do humor*, apresenta um estudo qualitativo sobre o uso de tiras cômicas no ensino de Língua Portuguesa.

Deywid Wagner de Melo, autor do texto *Breves reflexões da análise do discurso para o contexto retórico jurídico*, descreve o gênero discursivo “defesa pública”, desenvolvendo uma análise qualitativa de uma sessão de júri.

Ana Cecylia de Assis Xavier Sá e Mônica Mano Trindade Ferraz, no artigo *Do acontecimento à metalinguagem: uma análise enunciativa do poema “Neologismo” de Manuel Bandeira* apresentam uma análise do poema “Neologismo”, de Manuel Bandeira, à luz de duas perspectivas: a do acontecimento enunciativo e da metalinguagem.

Patrícia C. Brasil Massmann, no artigo *Os sentidos da pandemia de covid-19 na disputa à prefeitura do município de São Paulo: um olhar jurídico-discursivo sobre os planos de governo*, procura compreender o funcionamento de sentidos do cenário da pandemia de COVID-19 na disputa eleitoral para a prefeitura de São Paulo. O *corpus* analisado é constituído pelos programas de governo dos três candidatos que contam com maior intenção de votos segundo as pesquisas de opinião.

Valéria de Cássia Silveira Schwuchow, autora do artigo *O corpo na materialidade discursiva da obra “O Laçador” de Fernando Baril*, analisa a tela “O laçador” do artista Fernando Baril, exposta no Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS), em maio de 2018, na exposição comemorativa *BARIL’70 Anos*. O objetivo da autora é compreender a concepção de sujeito e de obra de arte, a partir de uma reflexão que entrelaça teoricamente a Análise de discurso, a Psicanálise e as teorias sobre a Arte.

Verli Petri e Robson Severo, no artigo *“Cidadezinha do liberalismo” no Brasil do século XXI: das cercas de madeira aos muros de vidro*, buscam explorar a história da palavra “liberalismo” no interior de instrumentos linguísticos produzidos nos últimos quase quatro séculos (XVIII, XIX, XX e XXI) de produção dicionarística em Língua Portuguesa.

Convidamos, então, nossas leitoras e leitores, a se debruçar sobre este volume da revista *LEITURA*, que reúne um conjunto de trabalhos tão diversos quanto bem fundamentados, que contribuem a promover novos espaços de reflexão e debate para o campo dos estudos discursivos.

Mônica G. Zoppi Fontana¹⁰ e Ana Josefina Ferrari¹¹

Campinas/Curitiba, junho de 2021

¹⁰ Docente do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9823-0696>

¹¹ Docente da Universidade Federal do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9273-7709>

Referências bibliográficas

- BALDINI, L. Gênero/Psicanálise. In : ZOPPI FONTANA, M. G. e A. J. FERRARI. **Mulheres em discurso. Gênero, Linguagem e Ideologia**. 1ª. Ed. Campinas: Editora Pontes, 2017, p. 23-34.
- COURTINE, J.-J. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans les sciences du langage. **Langages**, n. 114, p. 5-12, junho 1994.
- DE ÍPOLA, E. **Althusser, el infinito adiós**. Buenos Aires, Siglo XXI editores, 2007.
- ORLANDI, E. P. **Interpretação: autoria, leitura, efeitos do trabalho simbólico**. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, M. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, E. P.(org.) **Análise de discurso: Michel Pêcheux** (textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi). Campinas: Pontes, 2011[1984], p.151-158.
- ZOPPI FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. **LEITURA – Análise do Discurso. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística**, vol. 23, p.15-24, [jan/jun 1999] 2002. DOI: <https://doi.org/10.28998/0103-6858.1999n23p15-24>
- _____. O acontecimento do discurso na contingência da história. In: FERREIRA, M.C. & F. INDURSKY (org.) **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos, Claraluz, 2009. p. 133-146 Disponível em: <http://issuu.com/prazeremler/docs/contemporaneidade>
- _____. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Conexão Letras**, v. 12, n. 18, p.64-71, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457>
- ZOPPI FONTANA, M. G. e A. J. FERRARI. Uma análise discursiva das identificações de gênero. In: **Mulheres em discurso. Identificações de gênero e práticas de resistência**. 1ª. Ed. Campinas: Editora Pontes, 2017.